

Anna Kalewska 

Universidade de Varsóvia

a.kalewska@uw.edu.pl

As robinsonadas utópicas em Portugal e na Polónia

A Cidade do Sol (1926), de José Manuel Sarmiento de Beires,
e *As Aventuras de Mikołaj Doświadczyński*
(*Mikołaja Doświadczyńskiego przypadek*, 1776),
do bispo Ignacy Krasicki, ou uma utopia pós-camoniã
no mundo globalizado?

Resumo:

O artigo apresenta as seguintes utopias romanescas: os tópicos da Ilha dos Amores, no poema épico de Luís Vaz de Camões, da ilha de Nipu d' *As Aventuras de Mikołaj Doświadczyński*, do bispo Ignacy Krasicki, e d' *A Cidade do Sol*, imaginada por José Manuel Sarmiento de Beires. Trata-se de literatura de viagens ou robinsonadas utópicas enquadradas tanto no processo de globalização mundial, como na história do género romanescos, incipiente na Polónia (1776) e desenvolvido em Portugal (1926). Sendo bastante trabalhado o termo e o conceito de utopia a partir do episódio bucólico *supra* d' *Os Lusíadas* (1572), propomos considerar as duas robinsonadas utópicas em questão como transformações tardias do padrão e da funcionalidade do *locus amoenus*, com possível conotação social (na Polónia) e política (em Portugal), ainda que a historicidade seja latente nas respetivas camadas discursivas romanescas. É muito interessante perceber também até que ponto a construção utópica romanescas capta o estado de espírito de

um povo num momento de triunfo e também de depressão nacional generalizada de heróis, viajantes, colonizadores, padres, aviadores *et al.* – numa palavra, dos *robinsons* antigos e contemporâneos.

Palavras-chave: literatura de viagens, romance utópico, *locus amoenus*, globalização

Abstract:

Utopian Robinsonades in Portugal and in Poland: *A cidade do sol* (1926), by José Manuel Sarmiento de Beires, and *The Adventures of Mr. Nicholas Wisdom* (1776), by Bishop Ignacy Krasicki, or a New Post-Camoenian Utopia in the Globalized World?

The article presents the following utopian *topoi*: the Island of Love in the epic poem by Luís Vaz de Camões, the Island of Nipu in *The Adventures of Mr. Nicholas Wisdom* (original title: *Mikolaja Doświadczyńskiego przypadki*) by bishop Ignacy Krasicki and the city of the sun as imagined in *A cidade do sol* by José Manuel Sarmiento de Beires. The discussion focuses on travel literature or utopian robinsonades in the context of a globalizing world, as well as the history of the romance genre, starting in Poland (1776) and developed in Portugal (1926). After the term and the concept of utopia have been thoroughly worked-out standing from the bucolic episode *supra* of *The Lusiads* (*Os Lusíadas*, 1572), we propose to consider the two utopian robinsonades in question as late transformations of the pattern and the functionality of *locus amoenus*, with a possible social connotation (in Poland) and a political meaning (in Portugal), even though the historic background seems hidden in the respective layers of narrative discourse. It should be very interesting to perceive, too, to what extent the utopian romanesque structure captures the state of spirit of a people in the moment of triumph and also in the generalized national depression of heroes, travellers, colonists, priests, aviators *et al.* – in one word, of the antique and contemporary *Robinsons*.

Keywords: travel literature, utopian novel, *locus amoenus*, globalization

Para o Professor Jerzy Brzozowski
E notarás, no fim deste sucesso,
“Tra la spica e la man qual muro he messo”.
(Camões, *Os Lusíadas*, IX, 78, 12)¹

1. Sob o signo de Camões – Portugal e a utopia da Ilha dos Amores

No episódio d’*Os Lusíadas* (1572) conhecido como A Ilha dos Amores, Luís Vaz de Camões narra como vinham os navegadores portugueses em demanda da pátria pelo “mar ingente”, depois da descoberta das Índias, quando apanharam a vista da “Ilha Namorada”, onde aportaram para “fazer aguada” na rota de retorno à Pátria. Na bela Ilha de Vénus viveram aventuras amorosas singulares com as famosas habitantes da Ínsula – as nereidas. Deram-se os marinheiros aos prazeres oferecidos pelas ninfas e pela ilha “ornada de esmaltado e verde arreo”, rica em frutos, árvores, animais, pássaros e “ruivas conchas”, descansando “com mil refrescos e manjares/com vinhos odoríferos e rosas/em cristalinos paços singulares” (*Os Lusíadas*, IX, 41, 1–3) como recompensa dos esforços guerreiros e sucessos alcançados no Oriente², dos seus feitos heroicos dignos de glorificação no discurso de Camões e nos discursos

¹ Todas as citações d’*Os Lusíadas* (Camões, 1988) segundo a edição da Ulisseia–Biblioteca de Autores Portugueses. O verso citado significa em português: “entre a espiga e a mão levanta-se uma parede” – do soneto 43 do poeta italiano Francesco Petrarca. É a expressão usada por Camões para representar a dificuldade vivida por Leonardo para satisfazer o seu desejo com a ninfa Efire, como também a má sorte numa grande empresa. Só foi esquecida uma letra depois de “man”... Há variantes entre “spiga” e “spica” em várias edições d’*Os Lusíadas*, publicadas em Portugal e no Brasil.

² A esta e outras questões relacionadas com a Ilha dos Amores (inclusive a interpretação do episódio de Leonardo e Efire na metáfora da espiga e da mão em termos da efemeridade da vida humana), dediquei o capítulo V: *Wyspa Miłości i mitologia Luzytanów* [A Ilha dos Amores e a mitologia dos Lusitanos] do meu livro *Camões czyli tryumf epiki* [Camões ou o triunfo da épica], publicado em memória de meu Pai (Kalewska, 1999).

construtores da identidade nacional e planetária lusíada. Trata-se também do destino europeu e mundial dos portugueses como promotores de geoestratégias e de relações internacionais marcadas pelas sucessivas vagas de globalização (Nascimento Rodrigues, Devezas, 2007).

A sociedade utópica da Ilha dos Amores dos cantos nono e décimo d' *Os Lusíadas* situa-se como que fora da história contada por Vasco e Paulo da Gama relativamente ao rei de Melinde e ao catual e da descrição da viagem da armada portuguesa até à Índia, na medida em que o universo dos amantes e das damas (ou dos “soldados ínclitos” portugueses e das ninfas e sereias mitológicas) se organiza em torno de uma utopia compreendida como um lugar que não existe, ou existe como sendo a preparação do banquete mitológico oferecido à armada portuguesa pela divindade Tétis. O casamento simbólico dos valorosos marinheiros lusitanos consuma-se em ambiente idílico: é o que sugere a etimologia: *ou-topos*, um *não-lugar*, e talvez seja por isso o bom lugar; o *eu-topos*, em que todos os lugares reais poderão virtualmente converter-se no desembocadouro feliz das naus “dos segundos Argonautas”, no universo feliz em que “o nível cisne canta,/responde-lhe do ramo Filomela” e onde “no bico traz ao caro ninho/o mantimento o leve passarinho” (Camões, 1988: IX, 63, 1–2 e 7–8).

A Ilha Namorada surge no Índico (seria a pequena ilha de Andegiva – ou Angediva – na costa do Malabar ou mesmo Ceilão?). É conhecida, porém, a ilha de Chipre interpretada ao abrigo da geografia mítico-histórica do culto de Vénus como a representação de um *locus amoenus*, o porto prazenteiro dos marinheiros portugueses,

...que ordenada

Era, para favor dos Lusitanos,

Do Padre Eterno, e por bom génio dada,

Que sempre os guia já de longos anos,

A glória por trabalhos alcançada,

Satisfação de bens sofridos danos,

Lhe andava já ordenado, e pretendia

Dar-lhe nos mares tristes alegria (Camões, 1988: III, 18).

Na Ilha dos Amores, entre os “famintos beijos na floresta” ou neste lugar ameno com feições de paraíso terrestre, os portugueses geram—no objetivo ideológico instaurado pelo Evangelho dos Portugueses— a descendência semi-divina da raça lusa, cujos feitos futuros a ninfa Tétis profetiza. É ainda do topo de uma montanha desta ilha que Tétis mostra a Gama a Grande Máquina do Mundo, no estilo de Dante. A utopia descrita por Camões—assim como a construção de Thomas More contada por Hitlodeu — é também um outro lugar de cariz não histórico. É um não-tempo ou um sem-tempo (*ou-chronos*), o ponto nodal de convergência do tempo passado e do tempo futuro, como se da Ilha da Utopia e da Ilha dos Amores fosse possível contemplar a realidade da Europa e do Mundo a partir de uma espécie de eternidade. Com a nova perceção da organização mítico-idílica e simbólica da Ilha dos Amores dentro de um projeto social ou comunitário, não podemos falar da utopia camonianiana em sentido estrito, nem pensar que a historicidade esteja presente, aliás envolvida na mitologia cristã e pagã, ou mesmo latente nas respetivas camadas discursivas camonianas.

O presente tópico propõe-se à laia de continuação dos nossos estudos sobre a obra de Luís Vaz de Camões (Kalewska, 1995; 1998; 1999; 2007; 2009; 2014; 2016a; 2016b; 2019a; 2019b) e dos estudos camonianos e correlatos, de abrangência ibero-eslava, realizados recentemente na Polónia (Łukaszuk, 2021; Stachura-Lupa, 2021). No entanto, o significado alegórico mítico-místico e histórico-mitológico da conquista portuguesa (ou da “descoberta e evangelização”, acompanhando os avanços da globalização) e a complexa estruturação do tempo e do espaço no que se refere ao episódio da Ilha dos Amores revelam claras marcas utópicas, idílicas e mitológicas. A alegoria da Ilha dos Amores ratifica a ideologia dominante e positiva do Império português, entrando em visível contraste com a mensagem utópico-distópica desvendada pel’A *Cidade do Sol* (1926), de José Manuel Sarmiento de Beires. A entrada triunfal das especiarias de Vasco da Gama na Casa da Índia e nos empórios de toda a Europa após a viagem de Vasco da Gama à Índia realizada em 1498 contrastam com as misérias da vida do povo português no tempo de Camões “no pobre catre” e do Estado

Novo reapropriador e reapropriado do mito camoniano. Porém, já dizia Camões: “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”...

Dando o justo valor à utopia portuguesa do Renascimento, concordamos que “a ideologia de um mundo globalizado teve início na Ilha dos Amores, pela mão de divindades mitológicas que anunciam a grandeza do Deus dos cristãos, o perfeito criador do globo (...), apregoada pelas intenções das Descobertas” (Rodrigues Neves, 2010: 2). Tendo a primeira a primeira edição d’*Os Lusíadas* sido impressa em 1572, em Lisboa, e as outras dezassete editadas ao longo dos noventa e oito anos seguintes, não é difícil reconhecer que os portugueses se deixaram contaminar pelo sentimento idílico-utópico. Organizada, então, a Ilha dos Amores camoniana para expurgar as contingências histórico-discursivas e retificar a ideologia imperial vigente da Coroa portuguesa, define-se a utopia como a experiência recompensadora dos marinheiros lusos e “dos barões assinalados” como também de Rafael Hitlodeu, o protagonista da *Utopia* (1516) de Thomas More.

Na Ilha dos Amores, os navegadores portugueses foram protegidos por Vénus e galardoados pelas ninfas, num apelo à quimérica imortalidade. Os avessos foram percebidos no classicismo e tidos por Voltaire e seus seguidores como improváveis e inverosímeis: no discurso camoniano, Vasco da Gama pede ajuda a Deus e recebe auxílio de Vénus. A História, no entanto, refletia o surgimento de uma realidade oposta. A fase de consolidação do Império Português, que viabilizara os instrumentos políticos e técnicos para a execução das rotas comerciais nos reinados de D. João II, D. Manuel I e D. João III agonizaria com a governação de D. Sebastião (1568–1578) e a derrota em Alcácer-Quibir, em 4 de agosto de 1578, marcando o fim da primeira vaga da globalização económica portuguesa.

No quadro utópico da Ilha dos Amores, espelhamos a antevisão dos primórdios da globalização, que receberam a sua visão identitária pessimista ou mesmo trágica n’*A Cidade do Sol* (1926), 450 anos mais tarde, pela pena do amante da poetisa polaca Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, também ela vítima de muitas quimeras e sonhos partilhados pela geração de entre as duas guerras mundiais. Sem proceder a uma análise comparativa entre o estado de espírito do povo lusitano

e do polaco, demonstraremos apenas a excelência discursiva e imaginativa de uma obra portuguesa de recortes evidentemente utópicos: a Heliópole atrás mencionada, de José Manuel Sarmiento de Beires (1892–1974), recordado hoje como um dos pioneiros da aviação em Portugal, e as particularidades pedagógicas e cívicas do primeiro romance escrito na Polónia e publicado em 1776 pelo bispo Ignacy Krasicki (1735–1801), intitulado *As Aventuras de Mikołaj Doświadczyński* (Krasicki, 1776). Consideramos, pois, os dois romances em análise, ou as duas robinsonadas utópicas em questão, como transformações tardias do padrão e da funcionalidade do *locus amoenus*, com uma possível conotação social positiva (na Polónia) e a feição política de questionamento do regime autoritário e fascista (em Portugal).

Expressamos destarte, na nossa modesta contribuição para os *Studia Iberystyczne* “sob o signo de Camões/pod znakiem Camõesa”, a enorme dívida ao Departamento de Estudos Portugueses e Tradução que, junto com a Cátedra Vergílio Ferreira do Camões, I. P., promoveu mais uma publicação em língua portuguesa da revista científica em causa, em homenagem aos 450 anos da *editio princeps* d’*Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. Obrigada, Professores e Colegas, por motivarem centenas de alunos para a paixão por esta atividade de pesquisa centrada em torno do português na Europa e em outros continentes – a nossa disciplina essencial comum. Enfim, trata-se de uma mensagem para reflexão dos jovens e dos pesquisadores profissionais, buscando sempre a matriz portuguesa num mundo globalizado, em que as utopias se (ir)racionalizam, profetizando pistas para pesquisas futuras e polémicas saudáveis. Bem nos lembra José Carlos Seabra Pereira ao abrir o tópico *Os Lusíadas, 450 anos*, comemorado recentemente pelo *Jornal de Letras, artes e ideias*, asseverando que “todas as fecundas manifestações de receção criativa e crítica da ímpar beleza artística de Camões apelam à sua integração superadora numa nova perspetiva de Estudos Globais” (Pereira, 2022: 7). Retomamos esta valiosa sugestão metodológica, que em muito supera os contrários desaforos discursivos tributários de Estudos Culturais ou Pós-Coloniais.

2. As robinsonadas utópicas (também amorosas) e o utopismo português

A robinsonada (ou robinsonade, a mesma palavra em inglês e alemão, do francês *la robinsonnade*) é um gênero literário e também cinematográfico que se define como subgênero literário do romance (ou de um filme) de aventuras, devendo o seu nome a *Robinson Crusoe*, protagonista da obra homônima do escritor inglês Daniel Defoe publicada em 1719. O herói é moderno e empreendedor (às vezes representando um avatar do antigo *homo viator*) que, lançado para uma ilha deserta, tem que inventar o modo da sua própria sobrevivência num universo que lhe apresenta inúmeros obstáculos. O termo foi criado e utilizado pela primeira vez em 1731 pelo escritor alemão Johann Gottfried Schnabel na introdução à sua obra *Die Insel Felsenburg*.

A robinsonada descreve uma viagem verdadeira ou fictícia de um homem solitário, condenado à luta alienada contra as tramitações da vida e da sorte por conta própria, confiando na sua invenção e empreendedorismo engenhoso em condições difíceis, originadas na maioria dos casos pela ânsia de aventuras. Os padrões discursivos e as tramas romanescas de uma robinsonada imitam a intriga de Robinson Crusoe, focando as aventuras e vicissitudes da sorte do náufrago, pondo de pé as bases de uma nova civilização que se caracteriza pela atividade previdente e engenhosa em condições pioneiras, selvagens ou mesmo exóticas, suportando também as agruras do isolamento e solidão à maneira de Robinson Crusoe.

Entre as múltiplas transformações e continuações dos romances de aventuras e robinsonadas surge o paralelo com o gênero literário designado por romance utópico e com as viagens utópicas descritas em romances a partir dos finais do século XVIII até à atualidade. Na literatura portuguesa, os romances utópicos não são muito numerosos, facto que se deve ao regime inquisitorial do passado e à censura do Estado Novo no século XX. Antes ainda do Estado Novo, em meados do século XIX, apareceu a *Viagem ao Interior da Nova Hollanda*, uma longa narrativa publicada em três volumes em 1841 por Vasco José de Aguiar, qualificada por Jorge Bastos da Silva como uma utopia

convencional, i.e., na esteira da *Utopia* (1516) de Thomas More e da apresentação de um estado ideal e de uma não menos perfeita organização social (Silva, 2021: 6). Vasco Aguiar, simpatizante dos liberais contra o absolutismo de D. Miguel (sendo a atitude contra-regime típica dos escritores utopistas), conta como um português, embarcando num navio britânico, participa numa viagem ao continente australiano, onde sobrevoa uma alta cordilheira num balão aerostático, deixando o explorador numa civilização desconhecida: é o Vale da Razão, governado segundo um modelo de monarquia constitucional. O corpo central da obra consiste num conjunto de cartas, enviadas pelo visitante Terramarique ao sábio Policosmo, seu mestre na Universidade Central da Austrália, referindo a corrupção de costumes desvanecidos na nação portuguesa. A tradição de Montesquieu e das *Lettres persanes* (1721), fecundadora do romance utópico europeu de feição morigeradora, como também a tradição das universidades como último reduto da cultura e da língua perfeita, levam-nos a um certo consenso quanto a uma definição vasta, polivalente e multifacetada do termo utopia, hoje um avatar da aldeia global e da globalização³.

Deixamos esta sugestão em homenagem à Academia Jaguelónica, guardando a memória do investimento simbólico e vivencial utópico do tipo da Ilha dos Amores d' *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões e do idílio ruralista de *A Cidade e as Serras* (1901), de Eça de Queirós, no contexto literário português mais rico ainda em romances como “lugares de utopismo”⁴. Os lugares (e tópicos) u-tópicos tiveram sorte assinalável em Portugal: o messianismo sebástico, o apocalíptico Quinto Império, a saudade, o mito do Brasil e do Oriente, as Índias e a Samarcanda sonhadas por Fernando Pessoa.

³ O discurso sobre a globalização ganhou ímpeto e forma sustentada em meados da década de 1960 e durante a década de 1970 vulgarizou-se a expressão aldeia global, usada pelo filósofo canadiano Herbert Marshall McLuhan, particularmente na sua obra de 1962 *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man* para designar o sistema global de comunicações então em plena expansão em que “o meio é a mensagem” (“the medium is the message”).

⁴ Cf. *Viagens d'Altina* de Luís Altina Caetano de Campos (Bastos ap. Beires, 2011: 7).

A seu tempo (Kalewska, 2016b) pretendemos contribuir para a apresentação do segundo romance utópico português escrito no pós-25 de Abril, depois da *Utopia III* (1989), de José Venâncio Pina Martins, a saber *O Último Europeu 2284* (publicado em 2015), de Miguel Real, que focaliza o narrador-protagonista, as suas ações e ideias, a adaptação das mesmas a uma sociedade imaginada no futuro, no arquipélago dos Açores. O Reitor, i.e., o narrador-protagonista do romance metahistórico de Miguel Real, escrito na senda d' *A Jangada de Pedra* (1986) de José Saramago, como um novo Rafael Hitlodeu, experimenta um ataque das hordas do Oriente e envereda por uma nova utopia. Após ter sofrido, em 2284, um ataque dos bárbaros dos baldios orientais, o protagonista parte então para os Açores, com um pequeno grupo de refugiados, para criar de novo a velha democracia europeia. O último cidadão europeu sobrevivente e a sua missão de repovoação e estruturação civilizacional do arquipélago açoriano testemunham a responsabilidade ética pela liberdade individual e coletiva. O *happy end* utópico não é possível, porém, porque a agressiva tecnocracia norte-americana reclama os seus direitos de criação de mais um “admirável mundo novo” sob os auspícios de uma falsa democracia. Hoje-em-dia, a utopia e a globalização encontram-se, pois, em definições universalmente aceites para o termo⁵.

A robinsonada utópica pode ter também um carácter amoroso, investindo-se em roupas da aventura amorosa vivida pelo pioneiro da aviação portuguesa, poeta e viajante português José Manuel Sarmiento de Beires (1892–1974) com a poetisa Maria Pawlikowska-Jasnorzewska (1891–1945), geralmente designada por “safo polaca” e até hoje muito apreciada na cultura polaca. Como bem nos lembra Anna Nasiłowska no artigo *Uma voz feminina*, enquadrado na antologia *Diálogos no Feminino/Dialogi kobiece* (ap. Cieszyńska et al., 2017a; 2017b), “a figura do aviador/poeta impressionou a poetisa polaca a ponto de esta lhe dirigir uma carta escrita em francês”

⁵ “Nos dias de hoje, globalização é o termo preferido para designar a nova era de *world affairs*, consolidada após o fim da guerra-fria, transformando-se mesmo numa *buzzword*” (Nascimento Rodrigues, Devezas, 2007: 22).

(Nasiłowska, 2017: 35). Os dois descobriram que tinham muito em comum: interessavam-se pelo esoterismo e pelas novas ideias de uma religião universal. Maria não pertencia ao movimento teosófico, mas nos círculos que frequentava havia pessoas muito empenhadas nesta corrente, considerada progressista.

Maria e José Manuel começaram a trocar cartas em 1927. Daquela correspondência conhecem-se algumas passagens citadas nos livros da irmã de Maria (Nasiłowska, 2017: 36). O entendimento recíproco dos intervenientes desta correspondência, ambos pessoas oriundas dos antípodas da Europa e de famílias abastadas, afigurava-se agora total e completo, pertencendo cada vez mais ao domínio das utopias ou aventuras utopistas, marcadas pelo “fantasioso, irresponsável”, como também pela “loucura e falsidade” (Silva, 2021: 3). À medida que escreviam as cartas, o relacionamento imaginário parecia cada vez mais “uma união de almas e de corpos, uma realização dos desejos mais profundos” (Nasiłowska, 2017: 36). O aviador português e a poetisa polaca mobilizaram-se para um esforço de realização daquilo que nunca foi realizado e que não terá oportunidade de se realizar, mas foram atingidos pela “mão” da “espiga da sorte” num hotel parisiense, tão longe de qualquer bucolismo imaginado por Camões para os amantes mais bem dotados pela fortuna... Segundo Anna Nasiłowska:

[Maria Pawlikowska e José Manuel Sarmiento de Beires] Encontraram-se no início de 1928 em Paris. Não foi uma decepção. “Comparado com outros senhores, é como um aeroplano em comparação com uma bicicleta”, escreveu Maria numa carta a uma amiga. Infelizmente ele era casado. Ela, do ponto de vista formal, também. O que realmente aconteceu, não o sabemos, mas com certeza não lhes era fácil. O encontro amoroso foi interrompido por uma viagem súbita dele para Portugal (...). Sarmiento de Beires, à semelhança de Pawlikowska-Jasnorzewska, era a favor da democracia liberal. A lógica do que lhe aconteceu posteriormente mostra que 1928 foi para ele um ano decisivo: esteve implicado numa conspiração contra o exército que pretendia opor-se à ditadura de cariz militar, depois de uma tentativa fracassada de golpe de estado em 1928. Sarmiento de Beires continuou ativo, sendo preso em 1933, expulso do exército no ano

seguinte, condenado e despromovido na hierarquia militar. Pretendendo defender a democracia, Sarmiento de Beires sacrificou não apenas o amor pela poetisa polaca, mas também a sua carreira de aviador. Emigrou, primeiro para a China e depois para o Brasil. A sua reabilitação deu-se apenas em 1972, dois anos antes da sua morte (Nasiłowska, 2017: 36–37; tradução em português corrigida por A.C.⁶).

A robinsonada amorosa tinha traços de uma “ilha do amor” clandestina (ou de uma “cova” um tanto sinistra, à queirosiana⁷), espeviada pelos assomos líricos da protagonista:

Maria aguardava em Paris. Mesmo quando o dinheiro acabou, não perdeu a esperança e a necessidade de partir era-lhe muito penosa. Foi nessa época que criou um dos seus mais lindos volumes de poesia, intitulado *Paryż (Paris)*, publicado em 1929. Embora o livro esteja impregnado de sofrimento, a mágoa de um coração partido nunca assume o primeiro plano. Não aparece também a figura do aviador português, menciona-se só uma vez um espanhol a passear, e é tudo. O volume trata de uma cidade moderna, do quanto se experimenta a solidão no meio de uma alegre multidão, das tentativas de adivinhação, tudo mostra apenas quão impotente é o ser humano em face do seu destino. O esplendor, a diversidade e o ritmo de vida de uma metrópole moderna, de uma cidade de luzes no coração da Europa, contrasta com a sensação de exaustão e com as artes de adivinhação, estranhas no mundo moderno. Já neste volume, ainda que em nenhum momento se toque diretamente em política, se pode observar o pressentimento de um tempo sombrio (Nasiłowska, 2017: 37).

⁶ António Callixto, ex-chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu em Luxemburgo (1986–2012) foi o meu primeiro professor de língua portuguesa na Universidade de Varsóvia em 1981. Muito obrigada, Caríssimo Professor!

⁷ Segundo reza a lenda, no ninho amoroso parisiense dos dois amantes teria aparecido a mulher legal de José Manuel, infligindo à desafortunada amante polaca a pena conhecida de um episódio de *Os Maias* de Eça de Queirós (do banqueiro Cohen para com Ega, que lhe tinha seduzido a esposa Raquel): uma bengalada.

Enfim, uma robinsonada amorosa talvez mais conhecida do que a obra de Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, que continua a espezinhar as mentes e os corações dos seus leitores polacos não menos apaixonados pelas emanções da sensibilidade feminina do que os dos seus homólogos portugueses, amantes da poesia de Florbela Espanca, geminados no nosso olhar crítico e nas traduções recíprocas dos *Diálogos no Feminino/Dialogi kobiece* (Cieszyńska *et al.*, 2017a; 2017b). Continuamos então a citar o ensaio de Anna Nasiłowska publicado neste volume, na tradução de Gabriel Borowski:

Talvez se achem, um dia, em algum arquivo em Portugal, as cartas da poetisa polaca? O amor pelo aviador português não se revelou destruidor na vida de Maria. Tendo regressado à Polónia, a autora ficou mais independente da família. Alugou um apartamento próprio, conheceu um jovem aviador polaco, Stefan Jasnorzewski, e casou com ele. Começou a assinar os volumes com o novo apelido e só mais tarde, depois da guerra, resolveu, a fim de dar coerência à sua obra, assinar com os dois apelidos. **Ambos são longos e infelizmente muito difíceis para o leitor estrangeiro**⁸. Para os amigos, aliás, ela nunca deixou de ser Lilka, e é este nome que os seus dedicados leitores muitas vezes utilizam (Cieszyńska *et al.*, 2017a; 2017b).

Não restam dúvidas de que “se Maria Pawlikowska-Jasnorzewska e José Manuel Sarmiento de Beires se tivessem encontrado num momento mais favorável, as ligações entre a poesia polaca e portuguesa seriam indubitavelmente mais profundas. Isso não passa, porém, de um sonho” (Cieszyńska *et al.*, 2017: 39) ou de um brado à mercê de Calíope para uma síntese espaço-temporal e histórica da trajetória lírica luso-polaca.

E eis-nos no *lockdown*/confinamento, debruçados sobre os *Azulejos vestidos com centáureas/Azulejo chabrem ubrane*, perguntando-me

⁸ No original polaco *Kobiece głos/A voz feminina* do artigo de Anna Nasiłowska há uma frase a mais atribuída pelo tradutor “ao polonês” Gabriel Borowski: “Oba [nazwiska] są długie i niestety bardzo trudne dla cudzoziemskiego czytelnika”, Nasiłowska (2017: 29); acrescentamo-la supra com tradução nossa, A. K., em negrito.

com Katarina Lavmel e os leitores de mais uma antologia poética luso-polaca se devemos também “ceder à tristeza e desistir de ações e sonhos? Parar de sonhar?” (Lavmel, 2020: 3). Nunca, se a tanto nos “ajudar o engenho e arte” (*Os Lusíadas*, I, 2, 8)! Regressemos, pois, ao domínio das utopias, às obras em que os utopienses portugueses e polacos olham para fora e de fora do seu quotidiano, dando mais dois exemplos de construções utópicas: *A Cidade do Sol* e *As Aventuras de Mikołaj Doświadczyński*. Porque, no dizer de Agostinho da Silva, “o mundo acaba sempre por fazer o que sonharam os poetas” (2001: 165).

3. *A Cidade do Sol* (1926) ou a “novela metapsíquica” no dealbar do Estado Novo

Retomamos agora a questão de uma robinsonada-utopia, ou mesmo da robinsonada utópica, para recuar até aos tempos do Estado Novo quando, em 1926, foi publicado o «romance metapsíquico», conforme lemos no subtítulo, ou *A Cidade do Sol*, de José Manuel Sarmento de Beires, aviador e poeta, que entre as suas fantasias audaciosas experimentou o referido caso amoroso com a “Safo polaca”. Na *Introdução* à obra, o autor confessa: “Pouco tempo antes de o romance dar entrada no prelo, informaram-nos da existência duma obra de Campanella [sic], *La Ciudad del Sol*” (Beires, 2011: 56). Na nota 17 à citação atrás referida, explicam os editores Jorge Bastos da Silva e Isabel Morujão que se trata da obra do italiano (e não castelhano) Giovanni Domenico Tommaso Campanella (Stilo, 1568, Paris, 1639). Esta informação permite, em todo o caso, constatar um desconhecimento desta obra de 1623 entre a maioria dos leitores portugueses. De facto, a *Civitas solis poetica. Idea reipublicae philosophicae*, o diálogo filosófico e político de Campanella, que se inscreve na corrente popular do renascimento de textos utópicos de tradição platónica e monástico-monárquica, conheceu uma versão portuguesa na tradução de Álvaro Ribeiro apenas em 1953. Contudo, é difícil julgar se a convergência dos títulos é aleatória ou propositada. É, de facto, impossível constatar se existem indícios claros de qualquer influência exercida pela obra do monge

dominicano renascentista no romance homónimo de José Manuel Sarmiento de Beires, um dos pioneiros da aviação portuguesa que, em 1927, fez a primeira travessia noturna do Atlântico Sul.

De postura política incómoda, marcada pela oposição ao regime do Estado Novo com a conotação de antifascista e da resistência, e a vida passada no exílio (na China e no Brasil), Sarmiento de Beires é conhecido como um cronista, romancista e poeta, que se celebrou com a descrição da sua viagem aérea no avião Pátria no texto *De Portugal a Macau*, publicado pela Seara Nova em Lisboa em 1925 bem como, no ano anterior, *Sinfonia do Vento*⁹, com três edições em 1924, na época um livro reeditado e apreciado de grande beleza tipográfica que apresenta um conjunto de dezoito poesias líricas com temas relativos às estações do ano, ao mar e aos elementos da natureza (água e vento) em que predomina um tom elegíaco e crepuscular.

A Cidade do Sol (1926), de José Manuel Sarmiento de Beires, constitui, justamente, um exemplo de utopia em sentido próprio, ao oferecer a descrição de uma sociedade alternativa, caracterizada como uma comunidade completa e autónoma, com as suas ordens de governo, os seus ideais estruturantes e espaços simbólicos e funcionais: o Templo da Verdade, o Hospital-Balneário, a Universidade, o Ginásio, o Asilo dos Velhos, a Casa Infantil, o Centro Agro-Pecuário, o Salão de Exposições e Concertos, a Central Elétrica, a Torre de Apolinus e o Centro de Reeducação para Relapsos. Neste meio-ambiente utópico, o protagonista, Sérgio Ária de Castro, tem o papel de um líder político e espiritual, um chefe carismático. No caso desta moderna Heliópole, e ao contrário do que sucede na obra de More e em muitas outras da mesma linhagem, a demarcação da diferença perante o mundo exterior não reside na sua localização num sítio distante, mas no conjunto de postulados acerca da natureza humana sobre os quais assenta a visão utópica: as noções de justiça, de fraternidade e de paz. Estas prerrogativas conferem a *A Cidade do Sol* um estatuto paradoxal na tradição europeia, em que – ousamos dizer – a utopia assim como

⁹ Visualizar em: <http://ric.slhi.pt/visualizador?id=09913.002.011&pag=4,5.01.2022>.

a globalização são produtos do mundo moderno que requerem a livre escolha dos bens propostos por uma perspectiva “forjada no confronto entre os interesses que estavam em jogo e os novos interesses que emergem, trazidos pela operação segundo novas regras, internas ou externas, que passam a dirigir o jogo, até à nova ordem” (Nascimento Rodrigues, Devezas, 2007: 15). As ideias expostas na obra e a sua “bondade” enquanto ensinamentos para a vida dependem, em última instância, da consciência do próprio leitor. Podemos concluir agora que, de uma maneira geral, a construção de sociedades imaginárias decorre de uma insatisfação perante as circunstâncias da vida presente, para as quais a ideiação utópica propõe uma reorientação ou uma reorganização.

A peculiaridade d’*A Cidade do Sol* como “novela metapsíquica” reside na convicção de que o espiritualismo e as teorias teosóficas valem como prática e doutrina capazes de substituir as ideologias e as religiões falidas pelas verdades consubstanciadas na edificação da Heliópole nova. Por isso mesmo, numa Era Nova e com a realização da «República Nova», obrar-se-ia uma revolução espiritual que, com óbvias tonalidades apocalípticas e trágicas/distópicas, aconteceria na cidade de Lisboa. Na inaudita revolução de um espírito à procura da sua matéria (um tanto ao estilo camoniano...) que organiza a trama do romance em questão, ecoam os discursos facilmente identificáveis em Portugal há uma centena de anos. Trata-se das críticas que o Grupo da Seara Nova tecia à ineficiência da Primeira República e às repercussões do fascismo em Portugal, impondo-se *A Cidade do Sol* como leitura histórica e política dos acontecimentos do ano de 1926 em Portugal (Bastos da Silva, Morujão, 2011: 34).

Situada a oitenta quilómetros de Lisboa, a Cidade do Sol apresenta-se como socialismo utópico, não marxista, pois há que lembrar que o republicanismo português não se associou aos extremos praticados na Europa de Leste pós-1917. A própria estrutura inicial de governação da Heliópole replica de algum modo a estrutura do Governo Provisório da República Portuguesa e por isso o autor do romance desvenda uma atitude negativa para com “a inércia das massas perante os factos” que se verifica em Portugal, sendo no seu entender “a nação

portuguesa, velha matrona indiferente” que “dormita impassível, cruzados os braços sobre o abdómen, à espera, talvez, dum D. Sebastião salvador” (Beires, 2011: 52).

O descontentamento de José Manuel Sarmento de Beires com a realidade sociopolítica coeva não admite o socialismo revolucionário (o bolshevismo), levando uma ideia parecida com essa a uma revolta pela corrupção e pela venalidade dos políticos do regime utópico finalmente deposto por um golpe de estado. Caiu, enfim, a bonita Cidade do Sol à portuguesa, abolindo a ditadura do povo que era afinal o absolutismo duma minoria de aventureiros. A cidade, designada a dada altura como um “núcleo socialista de trabalhadores” (capítulo VIII) ou uma “república minúscula, socialista, independente, incrustada no território da nação” (capítulo IV), não podia triunfar como a realização das ideias de Marx e Engels, porque Sarmento de Beires foi arauto de uma mundividência votada ao transcendente e por isso definiu a sua obra como “uma novela metapsíquica”. Na Introdução de *A Cidade do Sol*, Sarmento de Beires sustenta que “não há problema mais emocionante que o problema da nossa vida espiritual (...), o problema das nossas faculdades psíquicas, o problema da Morte” (ap. Bastos da Silva, Morujão, 2011: 35). A terceira e a quarta vaga da globalização estavam ainda longe, assim como o mundo dos portais e blogues na Web¹⁰. A “globalização afanosa e tendencialmente eufórica” (Pereira, 2002: 8) vigorou, pois, no mundo ocidental desde o projeto da utopia humanista universalizante desenhada por Camões.

A paisagem do desfecho trágico d’*A Cidade do Sol* é mesmo apocalíptica: com restos de barricadas nas ruas da Heliópole, automóveis destruídos, cavalos mortos, armas abandonadas, corpos humanos apodrecidos... Observavam-se ainda casos de desaparecimentos misteriosos, pois “a matéria reassumiu o seu poder” (Beires, 2011: 121), perdeu-se o contacto com o *Ego*, o Logos tenta colaborar na defesa da

¹⁰ Partilhamos o número 7/21 de *E-Letras con/m Vida—Revista de Estudos Globais sobre a Literatura, Artes e Hipertexto*, apreciando em pleno a sua abertura hermenêutica às perspetivas do emergente campo epistemológico dos Estudos Globais: <http://e-lcv.online/index.php/revista>, 5.01.2022.

cidade. Cadáveres, bombardeamentos, sangue a correr afogando todos os criminosos, a antiga dívida *kármica* paga, a abolição do Tempo, o simbolismo da Cidade do Sol, o êxtase na hora da morte do Fundador (Sérgio), a bruma metafísica de todas estas concepções... Sarmento de Beires geminou na sua sinistra visão utópica a crença no mundo espectral (Álvaro, castigado pela Justiça Imanente, primeiro vai voar, depois vai sair do seu corpo), o desejo físico de posse de uma mulher, o desejo espiritual de imortalidade, a vontade de combater as injustiças do destino humano, vários fenómenos psicológicos e políticos, não se vislumbrando a nova ordem, entrincheirada ainda para o que der e vier no início do século XXI. Esta ordem foi-se, porém, alternando no decurso das duas últimas décadas, acompanhando os “avanços de globalização” (Nascimento Rodrigues, Devezas, 2007), como também as calamidades e sofrimentos desmedidos causados hoje pela pandemia da Covid 19¹¹. Havia, pois, já nos tempos de Camões e da globalização dos universos da língua portuguesa “alianças espúrias e guerras intestinas na Europa cristã, agressiva expansão do imperialismo islâmico, incremento do curso moderno e da pirataria ancestral, pestes e bancarrotas estatais, etc.” (Pereira, 2022: 8).

4. Na ilha de Nipu ou a utopia polaca segundo o bispo Ignacy Krasicki

O protagonista do primeiro romance utópico polaco, *As Aventuras de Mikołaj Doświadczyński* (*Mikołaja Doświadczyńskiego przypadki*), publicado em 1776 pelo bispo Ignacy Krasicki (1735–1801), teria sofrido um deslumbramento parecido com as várias sensações experimentadas pelos marinheiros portugueses na Ilha dos Amores, mas na ilha de Nipu, onde Mikołaj teria chegado após muitas deambulações pelo mundo fora. A viagem de Mikołaj Doświadczyński, homem galhofeiro e espécie de filho pródigo, até às Índias Orientais resultou no naufrágio e desterro numa ilha utópica que podia ser a imagem

¹¹ Convidamos, com Annabela Rita, para a *COMVIDA19 em 2020: na “dança” das representações: Da fenomenologia da percepção da pandemia*: <https://en.calameo.com/read/004077885f69a8942902c>, 5.01.2022.

romanesca de Batávia na ilha de Java, importante empório holandês no século XVIII (no entanto, sem a possível relação com as expedições portuguesas, ausente no relato de Krasicki), ou, no nosso entender, um avatar *sui generis* da Ilha dos Amores d’*Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. Enfim, trata-se de um curioso objeto de pesquisa e análise no mundo pré-globalizado, enquadrado no contexto uno e indivisível das dinâmicas globais, no emergente campo epistemológico dos estudos sobre a Utopia.

Filho de uma família nobre da província polaca, ansioso por conhecer o vasto mundo e revoltado contra as insuficiências da educação caseira ministrada na Polónia, baseada nas lendas dos “Sármatas [d] outro tempo” (Camões, III, 11, 3) e em superstições, sem dar muito valor ao património e às tradições da casa paterna, formulando críticas às “indecências da educação primária caseira” (Krasicki, 2005: 11)¹², Doświadczyński viaja primeiro de Varsóvia a Paris via Lublin e Cracóvia, cidade antiga e venerada, que descreve como uma cidade ampla e bonita, antiga capital do reino, com vinho barato e bom, ainda que guardado em pipas menores do que se presume serem os usuários contentores do líquido de Baco.

Depois de passar uma temporada em Paris, desiludido com a capital francesa, enganado pelos falsos amigos, privado de todos os seus bens e perseguido pelos credores, Doświadczyński foge então para Amesterdão, onde embarca num navio com destino à exótica Java. Passado o Cabo da Boa Esperança (antigo Cabo das Tormentas), o protagonista experimenta uma grande tempestade e o navio naufraga nas rochas perto de uma terra desconhecida. Mikołaj, único sobrevivente, chega à ilha de Nipu e ali, as suas experiências de vida naquele “século completamente degradado e poluído” (Krasicki, 2005: 6)¹³ foram confrontadas com uma outra realidade, a de uma civilização ideal, em que reinam a sociabilidade, o amor e a concórdia e o ensino é ministrado em plena natureza pelo mestre Xaoo. Este e os nipuanos ensinaram Doświadczyński a viver segundo uma moral e uma ética concebidas

¹² “Zdrożności pierwiastkowej edukacji” (Krasicki, 2005: 11).

¹³ “W zepsutym i zupełnie skażonym tym naszym wieku” (Krasicki, 2005: 6).

no seio de uma cooperativa ideal sem ricos nem pobres, na qual, em vez da organização estatal e religiosa, os habitantes vivem como numa família ideal, regendo-se por relações respeitadas entre pais e filhos, não matando animais e não pagando impostos.

Em Nipu vigora então uma justiça autêntica e a religião natural faz com que todos os nipuanos – iguais e bons – venerem um ser supremo, sem a intervenção de padres nem de qualquer igreja. A literatura é apenas um conjunto de valores transmitidos oralmente – não há livros. Mas a harmonia, a paz e a prosperidade em que vivem os nipuanos regem-se por um sistema absolutamente diferente do europeu, abalando o modo de pensar do protagonista. Os nipuanos são saudáveis porque trabalham no campo, são felizes porque não produzem mais do que necessitam, não conhecem o dinheiro nem o comércio. Vivem isolados do mundo, num conservadorismo extremo. Um cidadão nipuano que deixou a ilha e, após conhecer outros países, voltou elogiando os seus sistemas e criticando os de Nipu, foi duramente criticado e até apedrejado quando quis sair com alguns jovens para outra expedição.

Também para Doświadczyński, nenhum dos encantos nipuanos compensa a falta de liberdade e, arriscando novamente a própria vida, o herói foge de Nipu numa canoa encontrada na praia. Por essa razão, o autor da *História da Literatura Polonesa* aponta para os traços da antiutopia na obra em questão: “no romance de Krasicki a utópica Nipu não é, portanto, uma alternativa à corrompida realidade polonesa ou europeia, e a crítica àquela permite considerar o bispo de Várnia o precursor da antiutopia” (Siewierski, 2000: 70).

Depois de muitas aventuras extraordinárias nas duas Américas e na Europa, Doświadczyński volta para a sua pátria, tenta sem sucesso seguir a carreira política e acaba por fixar-se na aldeia dos seus pais, casando com a sua antiga namorada Julianna, que tinha entretanto sido vítima de rapto e enclausuramento; dedica-se à família e introduz reformas para tornar felizes os camponeses da sua terra. Gozando de prosperidade pessoal, Doświadczyński conclui (e o bispo Krasicki acaba o romance) asseverando que, [após uma vida bem passada,] são mais aprazíveis as rugas da bondosa esposa do que as carícias

chiques das frívolas amantes (Krasicki, 2005: 203)¹⁴. A mensagem das *Aventuras...* (muito bem recebidas pelos leitores da época, por constituírem um retrato fiel da realidade de então, apresentarem um relato de aventuras em terras distantes e também pelo seu espírito crítico) continua focada na moral cristã e na educação virtuosa da juventude, pois Krasicki exorta para que “a educação da juventude seja a escola da virtude”¹⁵. No entender do autor polaco, o leitor de desígnios divinos (em conformidade absoluta com o providencialismo perfilhado pelo padre António Vieira) aposta na educação da mocidade e tem que se basear na virtude moral, patriótica e cívica, temente a Deus, em sintonia absoluta com o ideário iluminista da época, em que o progresso humano, científico e económico se uniram à educação moderna e à sensibilização para com a mensagem antropocêntrica camoniana. Enfim, estamos perante um reflexo polaco moralista de utopias universais, realizado quando *Os Lusíadas* estavam prestes a chegar a Cracóvia na primeira tradução polaca, realizada por Jacek Idzi Przybylski no ano de 1790, sob o título *Luzyada Kamoensa, czyli Odkrycie Indyj Wschodnich* (Kalewska, 1999: 127).

5. Conclusão – a globalização como desafio para os *robinsons* contemporâneos

A sociedade perfeita dos nipuanos e o casamento feliz do protagonista da obra de Krasicki contrastam com o desfecho trágico da história da Heliópole portuguesa de Sarmento de Beires, marcada pelo ataque revolucionário e pela morte do protagonista e dos demais colonos d’*A Cidade do Sol*. Enfim, um simples triângulo amoroso: Álvaro Oliveira, o tecelão que pretendia casar-se com Maria dos Anjos, não aguentou o seu rival Rui, a quem a noiva tinha sido prometida, e, supostamente muito infeliz no paraíso artificial da República Nova, promoveu uma (contra-)revolução, reunindo todas as forças físicas, metapsíquicas e até psíquicas ou hipnóticas, para dar cabo da linda

¹⁴ “[Po dobrze przepędzonym życiu] milsze zmarszczki poczciwej żony, niż modne [mądre] płochych amantek pieszczoty” (Krasicki, 2005: 203).

¹⁵ “Wychowanie młodzieży niech będzie szkołą cnoty” (Krasicki, 2005: 121).

Heliópolis: “Álvaro assassinou Rui, o prometido de Maria dos Anjos. Matou, na esperança de que, recaindo as suspeitas sobre Ernesto, a rapariga acabaria por ceder à sua ânsia de posse” (Beires, 2011: 117–118). No entanto, Rui desaparece de um modo muito estranho, supostamente após ter sido assassinado. Consumada, destarte, a tragédia amorosa *au rebours* da Ilha dos Amores, consuma-se em desgraça absoluta a ditadura do povo. A *Cidade do Sol* perdeu os seus dirigentes e habitantes, os únicos sobreviventes isolaram-se no hospital, “tinham sido abertas as portas das prisões. Toda a escória social andava agora em liberdade” (Beires, 2011: 127). A perenidade da opinião do aviador português sobre a utopia popular é digna de lembrança: “a ditadura do Povo era afinal o absolutismo duma minoria de aventureiros que nem sequer tinha a justificá-lo a competência” (Beires, 2011: 127). A paisagem apocalíptica pós-revolucionária da Heliópolis encontrará a sua contrapartida na literatura portuguesa e nas realidades moçambicanas de Lourenço Marques/Maputo pós-independência apresentadas nos *Hipopótamos em Delagoa Bay* (2013), de Carlos Alberto Machado.

Seria Sarmento de Beires um crítico (in)consciente de uma ditadura de Leste, ao tipo anárquico, assim como o foi Fernando Pessoa no *Banqueiro Anarquista* (1922)? Deixamos por aqui os “hipnomultiplicadores” (J. M. S. de B.) de seres, ideias e ideologias. A utopia, pois – como a globalização – é um produto do mundo moderno, massificado pela técnica e pela tecnologia, afetando todas as camadas da sociedade humana. Trata-se, enfim, do aval do progresso e de uma nova transição geoestratégica irradiando em outros elementos do sistema mundial iniciado *in illo tempore* das Descobertas Portuguesas: para Portugal, o Brasil e os PALOPs. Seria interessante ver, ainda, até que ponto a construção utópica romanesca capta o estado de espírito de um povo num momento de triunfo e também de depressão nacional generalizada de heróis, viajantes, colonizadores, padres, aviadores, escritores, professores e seus sempre assíduos estudantes – numa palavra, dos *robinsons* antigos e contemporâneos. Enfim, a essência da ideia de globalização foi revelada na visão do globo terrestre desvendada por Tétis a Gama no mais fantástico e imaginário dos cantos d’*Os Lusíadas* (Camões, X, 79 e 78), levando o poeta épico português a um

estado de imortalidade, diluídas as fronteiras entre o local e o global e esbarradas as fronteiras das pragmáticas– sempre ilusórias– muitas e não de todo aleatórias produções ideológico-políticas, como também utopias estético-literárias. “No fim deste sucesso” (Camões, III, 78, 7) haverá mais espigas ainda para escarolar das malhas discursivas, sem temer os “muros” ou os obstáculos inventados pela gente humana– “gente ousada” em “este rotundo/Globo e [na] sua superfície tão limitada” (Camões, X, 80, 5–6). O reconhecimento das robinsonadas utópicas dentro da perspectiva do universo pós-camonianio globalizado leva-nos à exploração dos territórios ainda desconhecidos: estéticos, antropológicos, históricos, sociais e ideológicos que a obra de Luís Vaz de Camões nos aponta quando se completam 450 anos da edição *princeps* d’*Os Lusíadas*.

Referências bibliográficas

- AGUIAR e SILVA, V. (red.) (2011), *Dicionário de Luís de Camões*, Caminho, Lisboa.
- BASTOS da SILVA, J. (2022), “Tempos Passados e Tempos Futuros no Imaginário da Utopia (Perspectiva da Cultura Portuguesa)” em: *O Imaginário da Utopia em Portugal e no Mundo*, Apenas, Lisboa, p. 4–26.
- CAMÕES, L. de (1988), *Os Lusíadas*, Ulisseia, Lisboa.
- CIESZYŃSKA, B., SILVA da, F. M., KALEWSKA, A., DAL FARRA, M. L., BOROWSKI, G. (eds.) (2017a), “Florabela Espanca” em: *Diálogos no Feminino. Antologia Poética (Dialogi kobiece. Antologia poezji)*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa-Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos, Warszawa-Lisboa, [on-line] http://www.lusosofia.net/textos/20170513-beata_cieszynska_fabio_mario_da_silva_anna_kalewska_maria_lucia_dal_farra_gabriel_borowski_dialogos_no_feminino.pdf, 31.12.2021.
- CIESZYŃSKA, B., SILVA da, F. M., KALEWSKA, A., DAL FARRA, M. L., BOROWSKI, G. (eds.) (2017b), “Maria Pawlikowska-Jasnorzewska” em: *Diálogos no Feminino. Antologia Poética (Dialogi kobiece. Antologia poezji)*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa-Associação Internacional de

- Estudos Ibero-Eslavos, Warszawa-Lisboa, [on-line] http://www.lusosofia.net/textos/20170513-beata_cieszynska_fabio_mario_da_silva_anna_kalewska_maria_lucia_dal_farra_gabriel_borowski_dialogos_no_feminino.pdf, 31.12.2021.
- CIESZYŃSKA, B. (2018), “Sarmatyzm i sebastianizm w perspektywie iberyjsko-słowiańskiej. Wokół lisbońskiego projektu *Vieira Global*”, *Postscriptum polonistyczne*, 1 (21), Katowice, p. 13–25.
- Dicionário da língua portuguesa* (2004), Porto Editora, Porto.
- FERRAND de ALMEIDA, L. (1992), “Polónia” em: Serrão, J. (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 5, Figueirinhas, Porto, p. 108–113.
- KALEWSKA, A. (1995), “Camões entre os Sármatas e os Polónios (sobre a recepção de *Os Lusíadas* na Polónia)” em: Viegas Brauer-Figueiredo, M. F. (ed.), *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra, p. 619–626.
- KALEWSKA, A. (1998), “Camões e Sarbievius–os poetas épicos nos confins de latinidade” em: Earle, T. F. (org.), *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Associação Internacional de Lusitanistas, Oxford-Coimbra, vol. 2, p. 865–879.
- KALEWSKA, A. (1999), *Camões czyli tryumf epiki*, Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, Warszawa.
- KALEWSKA, A. (2007), “Camões as a Romantic Hero: Biography as the ‘Model for Heroism’ in the Literature of Romanticism in Poland” em: Cieszynska, B. E. (ed.), *Iberian and Slavonic Cultures: Contact and Comparison*, CompaRes, Lisbon, p. 27–46.
- KALEWSKA, A. [cop. 2009], “Dramat romantyczny i współczesny w perspektywie polsko-portugalskiego dialogu międzykulturowego” em: Aszyk, U. et al. (red.), *W kręgu literatury i kultury iberyjskiej i iberoamerykańskiej. Migracja i transformacja dyskursów – dialog międzykulturowy*, Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, Warszawa, p. 135–154.
- KALEWSKA, A. (2014), “A tradição de Camões na poesia brasileira durante o arcadismo ou a reinvenção do imaginário épico em *O Uruguay* de Basílio da Gama e n’*O Caramuru* de Santa Rita Durão”, *Studia Iberystyczne*, 13, Kraków, p. 111–131, <https://doi.org/10.12797/SI.13.2014.13.10>.

- KALEWSKA, A. (2016a), “A recepção d’*Os Lusíadas* e o mito de Camões em Itália e na Polónia” em: Graziani, M., Abbati, O., Gori, B. (eds.), *La spugna è la mia anima. Omaggio a Piero Ceccucci*, Firenze University Press, Firenze, p. 125–140.
- KALEWSKA, A. (2016b), “Miguel Real’s *O Último Europeu 2284*, or a utopian questioning of our individual and collective freedom” em: Monteiro, M. do R., Ming Kong, M. S., Pereira Neto, M. J. (eds.), *Utopia(s)–Worlds and Frontiers of the Imaginary*, CRC Press, London, p. 25–38.
- KALEWSKA, A. (2019a), “As traduções d’*Os Lusíadas* na Polónia ou a reavistação de Camões entre «os Sármatas» e «os Polónios» (Questões históricas, culturais e sócio-políticas)”, *E-Letras Com(n)Vida*, 2, p. 27–45, [on-line] <https://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/39>, 31.12.2021.
- KALEWSKA, A. (2019b), “A intertextualidade camoniana em... *Onde Vaz, Luís?* (1983) de Jaime Gralheiro ou Luís Vaz de Camões revisitado no teatro português contemporâneo”, *Studia Iberystyczne*, 18, Kraków, p. 183–199, <https://doi.org/10.12797/SI.18.2019.18.13>.
- KRASICKI, I. (2005), *Mikołaja Doświadczyńskiego przypadki*, Gubrynowicz, B., Krzyżanowski, J. (eds.), Ossolineum, Wrocław.
- LAVMEL, K. (red.) (2020), *Azulejo chabrem ubrane/Azulejo vestido com centáureas*, Fundacja Duży Format, Warszawa.
- ŁUKASZYK, E. (2021), *Texts*, [on-line] <https://www.ewa-lukaszyk.com/texts.html>, 30.12.2021.
- MORE, T. (2009), *Utopia ou a Melhor Forma de Governo*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- NASCIMENTO RODRIGUES, J., CAMPOS DEVEZAS, T. (2007), *Portugal–o Pioneiro da Globalização*, Centro Atlântico, Vila Nova de Famalicão, <http://www.centroatl.pt/titulos/desafios/globalizacao/img/excerto-livro-ca-portugal-o-pioneiro-da-globalizacao.pdf>, 3.01.2022.
- NASIŁOWSKA, A. (2017), “Kobiety głos (Uma voz feminina)” em: Cieszyńska, B. et al. (eds.), *Diálogos no Feminino. Antologia Poética (Dialogi kobiece. Antologia poezji)*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa-Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos, Warszawa–Lisboa, p. 25–39, [on-line] <http://www.lusosofia>.

- net/textos/20170513-beata_cieszynska_fabio_mario_da_silva_anna_kalewska_maria_lucia_dal_farra_gabriel_borowski_dialogos_no_feminino.pdf, 31.12.2021.
- PINA MARTINS, J. V. de (1989), *Utopia III*, Verbo, Lisboa.
- PLATÃO (2001), *A República*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- REAL, M. (2012), *O Romance Português Contemporâneo: 1950–2010*, Caminho, Lisboa.
- REIS, C., FIGUEIREDO de CAMPOS, V. (1995), *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*, Universidade Aberta, Lisboa.
- RODRIGUES NEVES, A. de (2010), *O púlpito de Camões e a ilha de padre António Vieira. Uma leitura do Passado à luz da Globalização* (Artigo realizado no âmbito do Mestrado em Estudos Regionais e Locais), Universidade da Madeira, [on-line] https://www.academia.edu/10354484/O_P%C3%BAlpito_de_Cam%C3%B5es_e_a_ilha_de_Padre_Ant%C3%B3nio_Vieira, 29.12.2021.
- SARMENTO de BEIRES, J. M. (2011), *A Cidade do Sol*, Bastos da Silva, de J., Morujão, I. (eds.), Afrontamento, Porto.
- SEABRA PEREIRA, J. C. (2022), “Efeméride épica de um Camões global”, *JL–Jornal de Letras, artes e ideias*, 1339, p. 6–8.
- SEABRA PEREIRA, J. C. (2022a), “Os Lusíadas 450 anos”, *JL–Jornal de Letras, artes e ideias*, 1339/2022, p. 6–13.
- SILVA, A. da (2001), “Conversação com Diótima” em: *Textos e Ensaios Filológicos*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1 ed., p. 123–170.
- SIEWIERSKI, H. (2000), *História da literatura polonesa*, Universidade de Brasília, Brasília.
- STACHURA-LUPA, R. (2021), “Z dziejów recepcji Luísa Vaz de Camõesa w Polsce: Adam Bełcikowski czyta *Luzjady*”, *Annales Universitatis Paedagogicae Cracoviensis-Studia Historiolitteraria*, 21, Kraków, p. 372–393, [on-line] <https://studiahistoriolitteraria.up.krakow.pl/article/view/8930/8084>, 31.12.2021.